



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

Estimativa da prevalência de reações adversas relacionadas à vacina para a Covid-19 em indivíduos infectados pelo HIV/AIDS acompanhados num serviço de Assistência Especializada (SAE) em Feira de Santana – BA.

Leandra da Silva Figueiredo¹; Carlos Alberto Lima da Silva²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Medicina, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: leaafigueiredo@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde (DSAU), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carolsl.compos@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; HIV/AIDS; reações adversas

INTRODUÇÃO

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que a COVID-19, doença aguda infecciosa transmitida pelo agente etiológico SARS-Cov-2, estava caracterizada como pandemia. Dessa forma, as necessidades de buscar políticas públicas de contenção do vírus tornaram-se extremamente urgentes, principalmente através de arsenais tecnológicos e biológicos. Nessa perspectiva, surgiram as primeiras possibilidades da produção da vacina contra o vírus da família *coronaviridae*, caracterizando o início das estratégias mundiais em saúde de amenizar a contaminação dessa doença pandêmica. Segundo Martins, Santos, Álvares (2019), a imunização deve ser entendida como um modificador no curso das doenças, já que apresentam acentuado decréscimo da morbidade e da mortalidade causada pelas doenças infecciosas evitáveis por vacinação. Nesse sentido, é de suma importância que toda a população seja incluída no Programa Nacional de Imunizações contra SARS-Cov-2, porém existem alguns públicos que são prioritários por possuírem um maior risco de adoecer.

Os indivíduos infectados pelo HIV/AIDS estão inseridos nesse grupo especial, por terem um risco aumentado de contrair infecções bacterianas e virais, em decorrência do quadro de imunossupressão mediada pelo retrovírus HIV que destroem e reduzem os linfócitos TCD4, sobretudo aqueles portadores que não apresentam boa resposta a terapia antirretroviral (TARV) ou não aderem a esse tratamento. Dessa forma, o alto grau de imunodeficiência desses soropositivos corrobora para uma maior exposição ao risco de contrair infecção grave pelo SARS-Cov-2. Paralelo a isso, os imunizantes apesar de serem

testados e estudados através de processos de ensaios clínicos para garantir a eficácia e segurança, podem causar reações adversas para os usuários pós-vacinação, devido ao processo de produção, armazenamento e via de administração ou por conta das condições individuais do usuário. De acordo com Gerin, et al. (2022), a vacinação de indivíduos com alto grau de imunodepressão, por meio de vacinas com agentes vivos atenuados, aumenta a possibilidade de eventos adversos e caso sejam vacinados com vacinas inativadas a resposta pode ser insuficiente. Essa possibilidade de acometimento de eventos adversos pós-imunização pode gerar como consequência insegurança na comunidade o que compromete a cobertura vacinal e prejudica as ações em saúde pública. Por isso, a importância de analisar, monitorar e informar os prováveis efeitos colaterais relacionado a vacinação.

Nesse contexto, na imunização contra o SARS-Cov-2, surgiram inseguranças sobre os possíveis problemas causados. Essas informações estão sendo esclarecidas e oferecidas de forma confiável através de órgãos competentes, para que não ocorra prejuízos no programa de imunização, trazendo consequências irreparáveis para saúde coletiva. Corroborando com isso, a Organização Mundial de Saúde (2021) evidencia que efeitos colaterais típicos incluem dor no local da injeção, febre, fadiga, dor de cabeça, dor muscular, calafrios e diarreia. Em meio a essa problemática, vale salientar, que apesar desses eventos adversos, a vacinação é necessária e frequentemente monitorada por órgãos competentes, como o Sistema de Relatório de Eventos Adversos de Vacinas (VAERS) dos Estados Unidos que é co-gerenciado pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) e Food and Drug Administration (FDA). No Brasil, a vigilância ocorre através da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que fazem a vigilância da ocorrência desses eventos e utilizam o Sistema de Informação dos Eventos Adversos Pós-Vacinação (SI-EAPV) para armazenar esses dados, com a finalidade de assegurar que os riscos não excedam os benefícios para os vacinados.

Além disso, em relação a associação das reações adversas pós-vacinação contra SARV-Cov-2 e os portadores do HIV/AIDS, por ser uma problemática recente, ainda são escassos os estudos que apresentam essa questão de forma detalhada. Porém, a literatura, descreve algumas reações adversas associada a soropositivos e outras vacinas. Segundo Succi, Farhat, Kairala (2022) as complicações graves decorrentes da imunização com vacinas vivas em pacientes infectados pelo HIV foram descritas com a vacina BCG, pólio oral e sarampo. Somado a isso, essa falta de disponibilidade sobre a temática, pode estar relacionado também com o provável preenchimento incorreto desses dados no SI-EAPV,

o que pode gerar um alto número de subnotificações. Diante do exposto, esta proposta de estudo pretende investigar os possíveis efeitos adversos presentes nos soropositivos após imunização contra o covid-19, com objetivo de acrescentar e manter uma maior segurança e confiabilidade acerca da vacinação.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

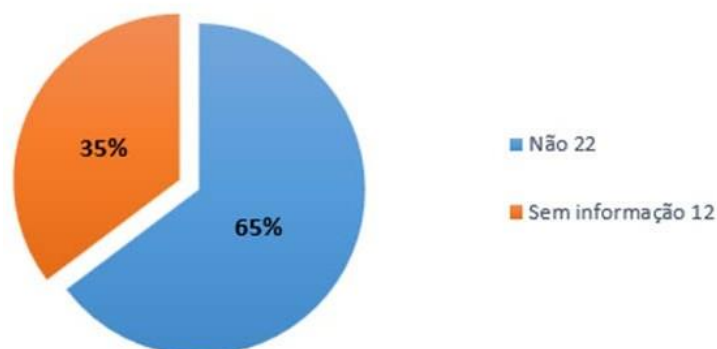
Trata-se de um estudo seccional conduzido a partir de dados disponíveis no *baseline* de um estudo longitudinal principal denominado “Análise dos fatores de risco para óbito em uma coorte de pessoas infectadas pelo HIV-AIDS em uso de antirretrovirais”. Para este Plano de Trabalho foram atualizados dados dos últimos dois anos (2022 a 2023) dos pacientes selecionados no estudo principal, por meio da revisão de prontuários clínicos dos pacientes matriculados no Serviço de Assistência Especializada (SAE) do Centro de Referência Municipal (CRM) para DST/HIV/AIDS da cidade de Feira de Santana-Ba. Portanto, a equipe de campo complementou as informações dos últimos três anos (2020, 2021 e 2022) para cerca de 200 indivíduos. No que se refere às variáveis do estudo, foram investigadas informações referentes às reações adversas (desfecho principal) ocorridas até 31 de dezembro de 2022. Também foram considerados dados já coletados sobre as características sociodemográficas e clínicas dos indivíduos e esquemas terapêuticos. Estes dados foram coletados por meio de um instrumento padronizado. Em seguida, estes dados foram exportados para o programa SPSS versão 26.0 (Chicago, USA). Foi estimada a prevalência de reações adversas e a frequência simples de todas as variáveis qualitativas categóricas de interesse para o estudo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Na população estudada, cerca de 35,3% eram do sexo feminino e 64,7% do sexo masculino, com predomínio de autodeclarados pardos (65,6%), a maioria foi de solteiros (51,5%), moradores da zona urbana (91,2%), heterossexual (77,4%) e afirmando possuir segundo grau completo (39,4%). Quase a totalidade (97%) dos indivíduos foi exposta ao vírus HIV de forma sexual e 3% por acidente com material biológico, sendo que 75,8% afirmaram que não usam preservativo. Além disso, 59,3% são etilistas, 32% tabagista e 35,29% possuem comorbidades. Dentro desses dados, 64,7 % não tiveram reações adversas relacionada a vacina do Covid-19 e 35,3% não tinha informações em prontuário sobre reações após vacinação.

Figura 1. Percentual total de reações adversas pós- vacina Covid-19

Reação a Vacina



Fonte: Elaborada pelos autores deste artigo (2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo foi possível concluir, que os pacientes vivendo com HIV-Aids matriculados no Centro de Referência em Feira de Santana na Bahia, não apresentaram eventos adversos significativos devido à vacinação para Covid-19, ratificando a segurança da vacina, mesmo em pacientes que utilizam medicamentos para enfretamento da imunossupressão.

REFERÊNCIAS

BHIVA guidelines on the use of vaccines in HIV-positive adults 2015. **British HIV Association**, 2022. Disponível em: < <https://www.bhiva.org/vaccination-guidelines>>. Acesso em abril de 2022.

Characterization of Serum and Mucosal SARS-CoV-2-Antibodies in HIV-1-Infected Subjects after BNT162b2mRNA Vaccination or SARS-CoV-2 Infection. **Mdpi**, 21 de mar. de 2022. Disponível em: < <https://www.mdpi.com/1999-4915/14/3/651>>. Acesso em abril de 2022.

Efeitos colaterais das vacinas COVID-19. **World Health Organization**, 31 de mar. de 2021. Disponível em: < <https://www.who.int/pt/news-room/feature-stories/detail/side-effects-of-covid-19-vaccines>>. Acesso em abril de 2022.

GERIN, Larissa et al. O conhecimento dos profissionais de saúde sobre vacinação de pessoas vivendo com HIV – uma revisão integrativa. Escola Anna Nery [online]. 2022, v. 26.

MARTINS Km, SANTOS WL, ÁLVARES ACM. A importância da imunização: revisão integrativa. Rev Inic Cient Ext. 2019; 2(2): 96-101.

SUCCI, FARHAT, KAIRALA. Complicações graves decorrentes da imunização com vacinas vivas em pacientes infectados pelo HIV foram descritas com a vacina BCG, pólio oral e sarampo. Vacinação em situações especiais. Jornal de Pediatria [online]. 2006, v. 82, n. 3 suppl [Acesso: 30 abr. 2022], pp. s91-s100.)